

Conceitos fundamentais da Psicanálise

Apresentação, leitura e comentários de Seminários e Textos de Jacques Lacan

Os Nomes-do-Pai

e

Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

Paulo Medeiros

3. 16 de março de 2004

*Memória e transcrição de gravação*¹

O que conseguiram extrair do texto lido além do que já discutimos? O que representou para vocês a sua leitura? Notei, por exemplo, certa estranheza, por parte de alguns, diante de um texto como esse, de introdução conceitual. Como vocês sabem, tentei situar o texto em seu contexto histórico, a sua precedência imediata ao texto proposto. Procurei frisar também a conceituação *sujeito* no campo estrito, restrito, próprio à Psicanálise, diferente dos termos indivíduo, pessoa, próprios a outros campos. É nesse sentido que foi trazido esse texto sobre os *nomes do pai*, situando primeiramente esse *sujeito* enquanto sujeito a um nome, a um nome primordial, primeiro, anterior, num duplo sentido, o do *nome próprio* e do *patronímico*, é um nome que se nomeia em *Nome-do-Pai*, é tão óbvio esse fato que parece não nos darmos conta disso. Nesse *Nome-do-Pai* existe o que poderíamos chamar de enlace; nós trabalhamos aqui essa relação com o pai nessas dimensões na fala: real, simbólico, imaginário. Há mais um conceito aí a ser trabalhado por nós, que é este: o *Nome-do-Pai*. Precisamos observar a diferença estrutural que há entre essa categoria – grafada no singular e ligada por hífen, assim portando uma unidade semântica – e a expressão *nomes do pai*, no plural, sempre em minúscula, na qual cada termo mantém sua significação individual. Há aí uma diferença estrutural a ser devidamente observada.

*Diferença estrutural
entre Nome-do-Pai
e nomes do pai*

Caso clínico –
O homem dos lobos

Lacan começou a falar sobre isso a partir de 1951, na apresentação de seu Seminário *O homem dos lobos*, de Freud. Freud nos narra um episódio nesse caso clínico... Trata-se de

¹ Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos.

um escrito de Freud que nos fascina, e a biografia desse seu analisante é extraordinária; é um desses casos que nos faz indagar o que seria daquele sujeito se não houvesse sua análise, quais seriam suas possibilidades, e se haveria. A partir de certa altura de sua vida, passou todo o resto de sua existência em análise, permitindo-lhe, creio, viver. Um desses casos em que percebemos que se está no limite de sua vida, no limiar de uma possibilidade de continuar existindo. Afinal, existem situações existenciais nas quais se indaga se a vida é para continuar a ser vivida. A neurose ou a loucura? O que é neurose? O que é loucura? Espero estimulá-los à leitura desse caso clínico.

Num determinado momento do relato de Freud, *Serguei Pankajeff, Serguei Constantinobitch Pankajeff* – era esse o nome do analisante de Freud – trouxe para análise um episódio, uma lembrança. Quando menino, junto de sua babá, ocorrera-lhe o que podemos chamar alucinação, algo tão forte e inexprimível que ele não conseguira falar a respeito disso, nem à sua babá nem a quem quer que fosse. Ele havia cortado a ponta de seu dedo com um canivete, uma das falanges, que ficara presa tão somente pela pele.

Fato de linguagem

Acontece – e aí está uma das duas coisas que gostaria de ressaltar – que não foi um fato, não se tratava de um episódio factual, salvo a ter sido um *fato de linguagem*, um fato na fala. Foi um fato de realidade para ele. Há uma diferença, claro, entre fato enquanto ocorrência, acontecimento na realidade, e *fato linguageiro*, sendo este o que nos interessa em qualquer análise. Ao escrever sua narrativa sobre o relato de seu analisante, Freud faz uso de uma expressão, e é o que nos interessa no momento acentuar: era *como se* houvesse existido o fato; não um *faz-de-conta*, mas como se fosse um fato.

O trabalho analítico é baseado em detalhes, não em generalizações. Não fazemos abstrações filosóficas numa análise, mas lidamos com singularidades nos detalhes, sendo de interesse a particularidade daquilo que surge na fala. Frisemos, então, essa particularidade: *como se, como se houvesse existido*. Na subjetividade do sujeito, no caso, aconteceu; aí, nesse caso, Freud emprega um termo em alemão que seria mais ou menos equivalente, para nós, à rejeição, repúdio, a não querer saber disso. Aliás, por falar nisso, associe agora os comentários sobre traduções, surgidos em nossa reunião anterior, e alguns comentários sobre o fato de ser mais fácil

Verwerfung

ler-se Freud do que Lacan; talvez em alguns escritos sim, mas nem em todos, sobretudo em certos artigos mais específicos. Então, no caso em apreço, Freud faz uso de um termo que significaria para nós algo que foi repelido – *Verwerfung* – rejeitado, sem receber registro dialetizável. Perguntamo-nos sobre o que é feito de uma idéia ou de uma experiência como essa, rejeitada, sem ao menos receber alguma inscrição, alguma inscrição que lhe permitisse ser recalçada.

Intervenções

Intervenção- (...).

- Não. É diferente do recalque. O recalque é algo que, de algum modo, advém pela via de uma negativa; já nesse processo, não: há algo como que excluído mesmo, o que não significa não ser estruturante.

Intervenção – (...).

- O próprio evento, enquanto evento subjetivo, enquanto evento psíquico, ele não conseguiu falar sobre isso, na ocasião, quando menino, vindo a falar na análise. Ele só conseguiu trazê-lo, enquanto fato de linguagem, na análise, fato esse absolutamente repelido até então.

Intervenção – (...).

- Ele não falou, não pôde falar sobre isso.

Intervenção – (...).

- Até a babá.

Intervenção – (...).

- Foi só um momento.

Intervenção – (...).

- Foi um pensamento, uma idéia que adquiriu característica de um fato; não foi uma característica factual, salvo sob a condição de fato de linguagem. Tudo isso numa fração, num lapso de tempo como o de uma ocorrência instantânea.

Intervenção – (...).

- Quase de imediato.

Intervenção – (...).

- Não, nenhum reconhecimento.

Intervenção – (...).

- A fantasia, a meu ver, tem uma conotação mais próxima, digamos assim, à constituição fantasmática, a partir do que Freud chamava de filogênese, em relação à cena primária, também analisada nesse caso clínico.

Intervenção – (...).

- Não exatamente; trata-se de uma palavra específica, não dizendo respeito a esquecimento. Existe uma rejeição absoluta da idéia sobre o fato. É como se alguma coisa fosse repelida, não chegando a ser apagada por não haver inscrição. É uma forclusão.

Intervenção – (...).

- Não, ele não escondeu, no sentido de um ato de vontade. Distingamos um ato de vontade de um ato inconsciente. É como se não houvesse existido.

Intervenção – (...).

Mecanismos de defesa - Ah, sim, em relação aos três mecanismos básicos. Não sei se daria para falar sobre isso hoje. Tento, simplesmente, trazer um exemplo no contexto do assim denominado *Nome-do-Pai*, o que pode aí ocorrer.

Esses três mecanismos de defesa, assim chamados por Freud, ele indica-os na relação do sujeito com a castração – o que não tem nada a ver com mutilação; são mecanismos de defesa estabelecidos inconscientemente, e, no caso, em relação à forclusão, a partir de uma rejeição que implica fazer como se não existisse o fato, diferente da perversão, por exemplo, na qual há uma afirmação, uma afirmativa, no entanto, negada, tratando-se de uma denegação; no recalque, há todo um sentido de inscrição, porém deslocada. Então, seriam essas três situações as encontradas na experiência analítica, o que, no campo da Lingüística, seriam fenômenos lógicos que implicam três articulações distintas. Agora, em relação ao caso acima aludido, o da forclusão, dessa rejeição - como se não houvesse inscrição da experiência, não chegando a ser apagada por não haver sido inscrita – isso foi que fez com que Lacan apontasse, inclusive, para os três mecanismos apontados por Freud: qual seria a *função paterna*

nessas estruturas, o que quer dizer *Nome-do-Pai* nessas dimensões da fala, ou seja, naquilo que ele chamou real, simbólico e imaginário na fala em análise. Bem, durante algum tempo...

Intervenção – (...).

- Sim. Exatamente. E esses termos, em alemão, por exemplo, *Die Verdrängung* têm uma conotação assim na fala cotidiana; como explica o próprio Freud, trazendo esta metáfora: imaginem um navio singrando as águas... O recalque seria como essa água revolta, e voltando a ocupar o lugar por onde o barco abriu passagem – a imagem da *Verdrängung* enquanto estando sempre aí, deslocando-se a partir de nossa fala, mas estando sempre aí, retornando sempre, inscrita de modo indelével.

Intervenção – (...).

- Em análise. Bem, é um ponto em discussão, se há possibilidade de passagem de uma estrutura a outra, e a resposta que se obtém, de imediato, para esse momento, é a de que dificilmente isso ocorra, tanto que, nesse caso clínico de Freud, *O homem dos lobos*, discute-se se foi esse, de fato, um caso de forclusão ou neurose. Neurótico ou psicótico? A passagem de uma estrutura a outra a experiência tem mostrado que não ocorre. Lamentavelmente, não ocorre. Então, quando se atende psicóticos, não creio que haja possibilidades de se transformar uma estrutura em outra. Em certas psicoses, o que se pode conseguir, e trata-se de uma resposta positiva, é evitar, quando possível, internamento, contrabalançar ou diminuir medicação, mas esses são casos raríssimos. Será que podemos falar em estrutura psicótica, do mesmo modo como se pode falar em estrutura neurótica? Nas psicoses, cada psicótico se apresenta de modo tão único, ímpar, tornando impossível o estabelecimento de paradigmas que nos permitam enunciados universais, salvo aquele relacionado ao *Nome-do-Pai*. Há certas psicoses que permitem um tratamento psicanalítico, mas nem todas.

Intervenções – (...).

- A obsessão é um dos sistemas de defesa mais bem elaborados no sujeito.

Intervenções – (...).

- Muito bem. Mas voltemos um pouco ao nosso texto. Sobre o texto o que é que vocês têm a considerar?

Metáfora Paterna

Intervenções – (...).

- Justamente. Repare: no começo do seu ensino, Lacan usou um termo a que chamou de *metáfora paterna*. A *metáfora paterna* é, para Lacan, uma interpretação do desejo materno, a possibilidade de metaforização do desejo; então, isso seria a *metáfora paterna*. Desde o começo, não sei se estão lembrados, aludi a isto na nossa reunião anterior, tentei frisar que Lacan começou onde Freud parou, a partir das dimensões da paternidade. Enquanto Freud começou, em sua clínica, a constatar haver um *pai sedutor*, passando pelo *pai fantasmático*, em, por exemplo, *Uma criança é espancada*, até suas elaborações finais sobre *Moisés e o monoteísmo*, passando por *Totem e tabu*, para falar sobre o *pai simbólico*, Lacan começou a sua elaboração já desse ponto, desse ponto onde Freud parou, ou seja, a partir do que ele próprio designou como sendo o *pai simbólico* em Freud. Há, pois, essas referências para podermos pegar o curso do seu ensino. Nem sempre ele se propôs a resolver, a solucionar questões trazidas à Psicanálise pelo Inconsciente, mas ele teve a preocupação de, pelo menos, nomear certas questões surgidas. Só isso já é um grande avanço. Dar nomes às questões, nomeá-las, mantém a possibilidade de trabalhar essas questões; sendo nomeadas, passam a um campo em que estão subordinadas a um discurso, subordinadas a uma fala; por estarem subordinadas a uma fala, pode-se trabalhá-las. O começo de toda a elaboração de Lacan foi retomar aquilo que era a questão central de toda a preocupação de Freud: *o que é um pai*. Então, para Lacan, toda a obra de Freud se resume nesta questão – *a do pai* – como a principal, o ponto-pivô, de como Freud trabalhou essa *função paterna*; e, a partir dela, ele próprio, Lacan, começou a trabalhá-la, retomando o *pai simbólico*, daí a designação *Nome-do-Pai*, de caráter assim muito... de *cara*, de *forma patente*, uma designação própria à Religião Cristã.

A distinção a se fazer seria qual a *função paterna*, em Lacan, que corresponderia à *função paterna*, em Freud? No final de sua vida, Lacan trabalha nessas dimensões: *real*, *simbólica*, *imaginária* – noções sempre presentes em seu ensino, do

*Cultura na práxis de
Lacan*

começo ao fim – mas, no começo, podiam ser lidas como estando designadas, de modo separado, em três, como em Freud: o *pai sedutor*, ou seja, o *pai real*, em Lacan; o *pai imaginário*, o *fantasmático*, na fantasia infantil; e o *pai morto* como *simbólico*. Ao Nome-do-Pai em Lacan corresponderia ao Pai Um, de *Moisés e o monoteísmo*.

No seu começo de ensino, Lacan vai dizer que há na Cultura uma decadência, ou uma falência da *função paterna*, na Cultura, na sociedade, e começa a elaborar isso em termos psíquicos, como isso funciona na subjetividade. Enquanto Freud começou seu trabalho, digamos assim, basicamente em relação à histeria, o trabalho de Lacan começou com a paranóia, pela via da psicose, na sua forma paranóica, sendo o início do seu trabalho exercido por ele como médico no que se chamava asilo psiquiátrico, aí dando plantão; entusiasmado então pelo discurso da época, na França, valorizava a loucura, o surrealismo. Há, pois, aí, um dado cultural, na medida em que Lacan era alguém a quem podemos chamar de mundano, do mundo, do mundo das artes, da literatura, da ciência, da filosofia, envolvido pelas questões intelectuais. No que havia de mais relevante nos meios culturais, Lacan fazia-se presente – estudava, lia, interessava-se, freqüentava cursos, reuniões com escritores etc. – e isso o ajudava a trabalhar certas questões concernentes à loucura. Foi, então, a partir da loucura, que Lacan começou a trabalhar essa noção *Nome-do-Pai*; por isso, eu lhes trouxe a questão do *homem dos lobos*, pois foi o seu primeiro seminário, do qual não ficou muita coisa gravada, salvo alguns registros; foi aí quando ele falou, pela primeira vez, no *Nome-do-Pai*. Mas escrever sobre isso, ele vai escrever mesmo naquela citação trazida na vez anterior, encontrada no assim chamado *Discurso de Roma*, enquanto *Nome-do-Pai* como elemento imprescindível na estruturação de nossa subjetividade, escrevendo-o *nome do pai*, em letras minúsculas. Mas o que vem a ser então esse *Nome-do-Pai*, a substituir a *metáfora paterna* em termos conceituais? Hoje, eu diria para vocês, eu faria uso do termo *enlace*, ou seja, das três dimensões, chamadas de *real*, *simbólica*, *imaginária*, e que, em Freud, estão marcadas através de casos clínicos, de certo modo separados, até à sua formulação final, quando ele nos traz seu mito em *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Se repararmos na obra de Freud, a primeira parte é toda ela

*As três dimensões
Constituintes do
Nome-do-Pai*

dedicada a casos clínicos e a questões clínicas, e a outra metade, se repararmos, são questões culturais. Podemos pensar, por acaso, em dispensar os textos “culturais”, ou devemos mantê-los como imprescindíveis à clínica? Não são os mitos freudianos também questões clínicas, formalizações a propósito do que Lacan veio, posteriormente, designar como *Nome-do-Pai*? Isso significa dizer não ser possível considerar a clínica anterior a *Totem e Tabu* sem esse mesmo trabalho posterior a *Totem e Tabu*. É como se iluminasse retroativa, retrospectivamente, toda a clínica freudiana a partir do que seja a função *pai*. Insistamos nisso: essa é uma função - não se tratando aí desse contexto sociológico no qual, em termos de economia familiar, se encontra o comumente designado *pai*, essa personagem dentro de casa, provendo as coisas necessárias ao bom funcionamento desse núcleo social chamado família – mas, em termos de função, na estruturação psíquica, é uma função de operacionalidade lógica fundamental nos registros de *real*, *simbólico* e *imaginário*. Então *Nome-do-Pai* é o enlace desses registros, estando, por sua vez, subordinado a tais registros. Nesse sentido, começa com esses exemplos...

Intervenção – (...).

A Topologia

- Há uma conotação religiosa sim, na medida em que... inclusive as discussões teológicas são muito interessantes a esse respeito, sobretudo as chamadas heresias, no decorrer da história da Igreja, ou seja, aquelas doutrinas que surgiram a partir...

Intervenção – (...).

- Sim, mas devemos ir devagar, pois este é o primeiro contato com o ensino de Lacan feito pela maioria dos presentes. Enfim, mas pelo menos conseguimos falar em *pai*, para a Psicanálise, em *Nome-do-Pai* como uma *função*, uma *função de enlace* de três dimensões. Lacan trabalhou esse *enlace* durante muitos anos, a partir de uma área muito específica da Matemática chamada Topologia, trazendo figuras de objetos topológicos para fazer demonstração lógica de sua própria lógica, à qual chamou de lógica de borracha; lógica de borracha porque no campo da Topologia pode-se alterar a forma sem se alterar a estrutura; a forma pode ser plástica, mantendo-se a estrutura inalterável. A essência do trabalho

da Topologia é justamente – por exemplo numa fala como essa – apresentar sua racionalidade na demonstração de seus volteios e revolveios... Quem assistiu àquele filme, bastante anunciado, chamado *Uma mente brilhante*?

Intervenção – (...).

- Vocês repararam naquilo? Há uma cena no filme em que ele se ocupa em observar os movimentos de pombos no jardim, no chão, numa enorme movimentação, agitados, catando migalhas de alguma coisa, ou milhos, não sei bem, promovendo movimentos através da mudança de posição de cada um, de modo caótico, desordenado. Chamemos *dimensão real* àquela movimentação toda dos pombos. Tomado, apreendido por aquela cena, a personagem, chamada “mente brilhante”, tenta ordenar os movimentos através de vetores que pudessem ser logicamente formalizados. Um ótimo exemplo de relação entre as dimensões *real*, *imaginária* e *simbólica*. Ele tentava extrair daquele *real*, o dos movimentos desordenados de pombos, vetores imaginários, observando-os, para, finalmente, algebrizar uma estrutura possível no registro simbólico. Lembram-se daquela cena? Ela registra muito bem a posição de certos sujeitos diante do *real*. Não conheço a biografia dessa personagem-referência no filme, salvo as indicadas pelo próprio filme. Aliás, mantenho certa suspeita acerca desses filmes produzidos pela cultura norte-americana, por procurarem nos induzir a acreditar que aí tudo é superlativo: assim como há os super-heróis, há os supergênios, os superdebilóides, os superpsicopatas, os superdepressivos etc., enfim, super-qualquer-coisa. Mas daí só nos interessa frisar, no momento, essa relação do sujeito com esse *real*, no caso, a des-ordem dos movimentos dos pombos, mesmo observando a presença de outros exemplos que aquele sujeito tentou simbolizar através de uma lógica. Há sujeitos, mesmo sendo psicóticos, que conseguem se manter numa relação com o *real* que se lhes apresenta de modo criativo, e assim insere-o nas Artes, na Literatura, na Ciência, enfim, no trabalho e no convívio. Em resumo, no caso, aquele sujeito tentava fazer uma apreensão, através de um sistema vetorial, de movimentos, tentando dizer ser possível formalizar isso. Como é possível formalizar alguma coisa desse gênero? No caso, através de fórmulas com elementos algébricos. Inventa-se uma lógica, inventa-se uma

álgebra para se fazer designações até então não elaboradas. Isso tudo está sendo dito no sentido de que há tais razões para o emprego que Lacan fez da Lógica e da Topologia, com a finalidade de nos permitir nomear e elaborar os fatos psíquicos de modo discursivo, e isso a partir não do particular, mas da *singularidade do particular*. O particular é, quanto à extensão do sujeito, uma contraposição ao universal, no campo da Lógica, apresentando paradigmas. Os pombos no chão, por exemplo, apresentam ao observador a singularidade na forma do movimento de cada um. Certamente, no campo da Psicanálise, a situação apresenta-se bem mais complexa, por haver uma relação em presença de dois sujeitos e não de um sujeito observador e um objeto observado, na singularidade de cada qual. Certamente, para fazer isso, não precisamos necessariamente ser topólogos, filósofos, matemáticos; é necessário, sim, que, pelo menos vez por outra, consigamos ser psicanalistas. Em relação a Lacan, se nos detivermos em seus próprios textos, poderemos observar que sempre que ele introduz um elemento novo em seu ensino, em sua elaboração, ele o apresenta e o esclarece. Depois, ao voltar a falar sobre isso, já não o esclarece, como faz quando o introduz, mas toma-o por sabido; daí o motivo de se ler essas transcrições desses seminários em sua cronologia, para apreender todos os conceitos usados por Lacan nas suas formulações. O Fernando nos sugeriu esse Seminário, designado como Livro 11, como sendo uma leitura introdutória apropriada; assim devemos, portanto, acostumar-nos ao fato de que lhes serão apresentados, como sendo pela primeira vez, conceitos já esclarecidos anteriormente, daí a necessária paciência para se fazer a contextualização desse texto em vários momentos, nesses passos iniciais. Ao contrário de certos juízos que são feitos, Lacan não foi um doidivanas a brincar com palavras, mas um poeta que escrevia com rigor e falava com propriedade – a da análise.

Intervenção – (...).

- Bem, seria possível fazer isso, mas implicaria em variáveis, muitas, infindas, numa floresta onde levaríamos anos de trabalho em outras leituras indiretas. Existe uma vasta leitura a esse respeito, mas poderemos perceber que encarar o próprio Lacan talvez seja mais adequado do que derivar por

Seminários de Lacan

outros caminhos, até porque existem comentadores de Lacan que são de muito mais difícil entendimento do que o próprio, alguns até ilegíveis. O que se pode fazer é: à medida que surgirem situações mais difíceis na nossa leitura, deveremos recorrer a algumas considerações paralelas ou convergentes ao texto.

Intervenção – (...).

- Há possibilidades de qualquer ponto ser um ponto de partida, desde que possamos manter certa visão retroativa, mantendo o texto num contexto. Essas referências que você menciona, a partir do próprio seminário *Os Nomes-do-Pai* - as três, aliás, a quarta é uma repetição, e a gente fica até sem saber por que se repete – logo no começo, quando ele começa “primeiramente”...

Intervenção – (...).

- Isso, continue a leitura. A *metáfora paterna* em cinquenta e oito; referência às *Formações do Inconsciente*, um outro seminário de Lacan, anterior ao de nossa leitura atual.

Intervenção – (...).

- Esse também é um outro seminário, sobre a *identificação*

Intervenção – (...).

- Paul Claudel; trata-se de um seminário sobre a *transferência*.

Intervenção – (...).

- É, há uma repetição.

Há algo com o qual precisamos aprender a lidar, e nisso venho insistindo desde o início, é com o ensino oral. Isso não foi escrito por Lacan, foram transcrições de fala de Lacan.

Intervenção – (...).

- Existem sim, algo próximo a mil e quinhentas, duas mil páginas escritas por Lacan. Ele não teve tempo para escrever tudo o que disse por haver passado quase trinta anos falando...

Intervenção – (...).

- Os seminários foram os seguintes: sobre a *metáfora paterna*,

pela data citada; sobre as *formações do Inconsciente*, já publicado, editado após a morte do Lacan, havendo diferenças consideráveis entre as diversas versões existentes, indicadas a partir de comparações com outras fontes, devendo ser lido, como todos eles, comparando-se as versões. A outra referência está no seminário sobre a *identificação*, ainda não editado por Miller, mas já podendo ser lido em português, em edição feita pelo Centro de Estudos Freudianos, em Recife, a partir de uma tradução feita quando ainda pertencíamos a essa instituição. De modo geral, até o momento, as versões da *Association* têm-se apresentado melhores, mais fidedignas que as oficiais. A terceira referência mencionada sobre a trilogia claudeliana trata da análise que Lacan fez sobre a obra de Claudel, no seu seminário sobre a *transferência em sua disparidade subjetiva, sua pretensa situação, suas excursões técnicas*, editado com o título simplificado *A transferência*, também já editado no Brasil. Infelizmente, quanto a este, o texto é ilegível, isto é, não dá para se ler como foi editado, pois, só para vocês fazerem uma idéia, uma das mais conceituadas instituições psicanalíticas lacanianas parisienses, a *École Lacanienne de Psychanalyse*, editou uma errata, apontando todas as incorreções do texto oficial equivalente, em extensão, praticamente, à metade do texto editado. Esse seminário só deve ser lido em outras edições que circulam entre os estudiosos do ensino de Lacan. Na verdade, esses percalços devem se constituir num estímulo à investigação, ao trabalho intelectual de se fazer com a Psicanálise o que deve ser feito com rigor com qualquer disciplina séria e lógica, como se faz com a própria Lógica e com a Matemática, por exemplo.

O patronímico

Intervenção – (...).

- Certamente. Certamente, no seguinte sentido, eu diria. É o que nos torna humanos. A nossa história nos insere simbolicamente na dimensão da Cultura. Você se referiu, por exemplo, aos fundamentos da Antropologia Estrutural. A nossa Cultura é estabelecida em termos de relações sociais, em seus termos de procriação e de preservação da espécie no contexto, e em referência ao que a Psicanálise denomina *Complexo de Édipo*, indicando isso, como a Antropologia o faz, e com seu auxílio, através do *patronímico* ou seja, através do nomeável pelo *Nome-do-Pai*. Por que há o *patronímico* no campo simbólico, a estabelecer a rede de relações entre nós?

Entendemos ser da própria Cultura criar modo de interditar o incesto. Então, no sistema de trocas referido, o objeto de permutação e entrelaçamento da rede social são as mulheres.

Intervenção – (...).

- O *patronímico* é a forma mais inteligente de indicar, pela via de uma linguagem simbólica, nominativa - enquanto *nome próprio* e *sobrenome*, como dizemos – de situar cada indivíduo numa rede social complexa. Existem pelo menos duas designações em cada sujeito, sujeito inconsciente, que são os assim chamados *prenome* e *sobrenome*. O *prenome* porta desejos herdados e não-sabidos, de modo geral, existindo previamente à própria existência material do sujeito; antes de sua materialidade histórica, há, para o sujeito, a materialidade desejante. Assim, o *nome próprio* já é uma herança desejante tanto quanto as inscrições genéticas, com a diferença de haver um não-saber aí inscrito, nesse nome, sobre a herança de desejos, até maior de que a herança genética. O *patronímico*, o nome do pai enquanto composição do *nome próprio* possibilita ao sujeito a organização de suas identificações imaginárias. Mas já existe aí a inserção simbólica no sujeito...

Intervenção – (...).

- ... É verdade, claro, sobretudo em *O home Mósés e a religião monoteísta*. Se há supremacia da religião cristã, reside exatamente a partir disso, nesse reconhecimento, na religião egípcia e no contexto da religião hebraica, da existência do Um, de um só Deus. Então *há o Um* fundamental como estruturação simbólica. No cristianismo, essa referência é bastante complexa, pois há o *Um* enquanto unidade de três; assim, podemos usar o termo da metáfora que você usou, ou seja, a Santíssima Trindade que é *Uma*, é *Um*, em toda a história da Teologia Cristã e da Igreja existiram as heresias, que são, afinal de contas, tratamentos dados às relações entre os três elementos do *Um*. São doutrinas que surgem para se discutir, por exemplo, sobre qual a relação existente entre a natureza divina e a humana de, pelo menos, dois elementos, o pai e o filho, considerando-se o Espírito já espírito, ou efeito dessa relação pai-filho, estando aí, nesse Espírito, indagações contidas sobre a proporcionalidade de um no outro, isto é, do pai no filho e do filho no pai, desde antes das origens. Enfim, são discussões bastante interessantes, na

medida em que tratam do que nos concerne, de modo metafórico, em termos reais. São questões de nosso interesse, tratadas no decorrer dos séculos, de modo diferente. Modernamente, encontramos tal tratamento na literatura de Joyce, por exemplo, ao escrever sobre a consubstancialização pai-filho, podendo ser entendida, no caso, como autor-texto.

Intervenção – (...).

- ... Historicamente, há uma cronologia; foi bom você falar sobre isso. Quando falamos *simbólica*, *imaginário* e *real*, não se trata de haver aí uma cronologia, uma precedência de um em relação aos demais, mas de uma equivalência e simultaneidade, e não de uma sucessão. É outra característica que nos leva a distinguir entre o que é sucessivo e o que é simultâneo.

Intervenção – (...).

- É *Um* Ou são *Um* Nesse sentido, a metáfora nos ajuda. E há uma outra coisa: é relativamente simples admitirmos nossa herança genética, as características identificatórias enquanto inscrições no corpo, e Freud ocupou-se, devido à sua linguagem intelectual, de uma *filogenia*, a espécie e suas marcas filogenéticas. Mas, se podemos admitir tais traços filogenéticos – e é sempre adequado pensarmos em termos metafóricos sobre as implicações no uso de tais termos, no sentido de aprendermos a ler Freud, no âmbito de seu campo cultural, das suas metáforas discursivas – então por que não admitirmos uma outra forma de herança, que é a *herança de desejos*, isto é, exatamente o que nos humaniza? E, no campo assim chamado *simbólica*, intrínseco ao humano, aí encontramos o chamado *Nome-do-Pai* a metaforizar o desejo.

Intervenção – (...).

- Estamos tratando *pai* enquanto *função*, enquanto operador lógico necessário. O nome próprio da mãe é indicador de uma paternidade enquanto *patronímica*, dela, do pai dela, ou do pai do filho, que será filho em relação ao que está para além da condição natural da concepção, de algo para além de si, da mãe, no campo de seu desejo e de seu lugar na Cultura. Há uma função nominativa: mesmo se houvesse o matriarcado para designação de nossa posição em relação aos demais, mesmo aí haveria uma função a operacionalizar as relações.

Intervenção – (...).

- Voltamos com isso àquela história: a certeza sobre a mãe e a incerteza sobre o pai. É uma função precípua que permite, pela profissão de fé na palavra da mãe, identificar um pai. A metáfora religiosa ajuda a formar esse quadro lógico. Acreditar na palavra da mãe sobre a paternidade é também estar sob a inserção da própria mãe numa ordem de filiação.

Intervenção – (...).

- Ah, sim, até porque há a possibilidade de ser outro o pai, o que nos conduz ao imbóglio das três dimensões.

Intervenções – (...).

- Isaac quer dizer *risq* pois Sara riu quando lhe foi anunciado que seria mãe numa idade imprópria para a concepção. E Abraão quer dizer algo como pai de uma multidão, sendo *Abá*, na língua hebraica, designativo para *pai*. O importante a se frisar aí nesse mito é o *pactq*, o pacto é a essência do simbólico. E, no caso, um dos nomes de Deus, pois Deus teve vários nomes, e esse nome aí mencionado, *El- Shady*, é o nome a designar o Deus do pacto, o Deus que compactua com o humano. *El- Shady* foi aquele que estabeleceu um pacto com Abraão, fazendo com que Abraão, por intermédio desse pacto, se tornasse pai. Então, friso a função lógica de pai no cerne do Simbólico. O pacto é o que há de mais simbólico, pois determina as regras de uma relação. A palavra, entre nós, é o nosso pacto, pois só é possível pactuada em regras lógicas, gramaticais. No caso de Abraão, o pacto girou em torno da paternidade.